

ASSUNTO DA SEMANA

O que eu quero da Umbanda e o que a Umbanda quer de mim?

Muitas vezes me deparo com filhos presos ao velho paradigma de que a vida só será boa se “cumprir” sua penitência dentro de um terreiro. Pura bobagem. Ninguém é cobrado desta maneira. Nosso livre arbítrio sempre impera.

O que penso e defendo é que a pessoa tem que viver aquilo que lhe felicita, ou seja, aquilo que a deixa feliz e ajuda ao seu desenvolvimento espiritual, bem como dos que lhe cercam. E isso não quer dizer que a pessoa deva estar dentro de um terreiro para isso acontecer. Muitos espíritos evoluídos que conheço se quer acreditam na vida após a morte ou incorporação, mas certamente são espíritos que propiciam a benevolência onde se fazem presentes.

Eu amo estar no terreiro, não só pelo batuque, mas pelo cheiro da defumação, o pisar dos caboclos, as energias condensadas, o unísono cantar dos pontos, sentir os guias, ouvi-los e ver o sorriso dos outros que sentem a mesma coisa.



Este assunto eu trago para provocar a todos os médiuns. Para que todos entendam que a sua presença no terreiro não é uma punição, mas uma dádiva. O aprendizado possibilitado é imenso, mas muitas vezes os médiuns estão tão preocupados em apenas estar que não abrem a sua estrutura de pensamento para absorver novas informações.

Outras vezes imaginam que ler vários livros e fazer cursos e mais cursos irá desenvolver mais a sua espiritualidade ou que seus guias estarão mais próximos devido a isso.

Quanta bobagem.

Não sou mãe de santo que prega o paradigma ou dogma de informação absoluta. Ao contrário, a leitura e discussão sobre os assuntos espiritualistas se fazem necessários para que a construção do saber seja possível. Nenhum livro, curso ou até mesmo este texto que você lê agora é absoluto. Nada é a verdade infinita e perpétua, pois tudo evolui.



Por isso todos os textos que lemos devem ser janelas para o pensamento. Entretanto, pensar o pensamento do outro por assim dizer não é um fator construtivo. Educar o pensamento sim. Como educo o pensamento? Numa palestra que assisti, do filósofo Lúcio Packter, ele falava sobre como educar o pensamento. A razão, a emoção, os sentidos e até mesmo nossos medos fazem com que cada um de nós tenhamos interpretações e ideias diferentes relativas ao mesmo tema.

Por isso, coloco aqui a minha opinião e ao leitor

cabe a sua interpretação conforme sua historicidade, razão, emoção, medos e educação do próprio pensar.

A Umbanda praticada no Terreiro Vovó Benta tem uma raiz. Essa raiz é sólida, é a Umbanda que acredito e vivi por anos antes de ser cruzada mãe de santo, é a Umbanda que herdamos do Pai Fernando de Ogum, do Terreiro do Pai Maneco, hoje dirigido pela Mãe Lucília de Iemanjá. Meu respeito a essa casa será eterno, pois lá ganhei a força necessária para assumir a missão de zeladora espiritual.

Mas que Umbanda é essa? Que cor ela tem? Que cheiro? Que forma? A Umbanda não é algo palpável, que possamos codificá-la. Penso que ela está dentro de cada um de nós, numa relação íntima e que muitos poucos conseguem conceitua-la.

Quando eu estava no Terreiro do Pai Maneco, seguia todas as regras ali colocadas, pois são necessárias para a boa convivência e para não haver anarquias. Muitas vezes as regras são confrontadas, sem análise alguma, apenas olhando para o seu próprio umbigo. Uma regra não brota do chão, ela brota de algum problema que para não existir mais, foi necessária a criação da regra.



Hoje, como dirigente do Terreiro da Vovó Benta, percebo que muitas pessoas desconhecem a própria Umbanda (a que ela tem no coração, a que ela carrega consigo mesma). Como então praticar a Umbanda dentro de um terreiro?

Seguindo este pensamento volto ao objetivo deste texto: o que você espera da Umbanda e o que a Umbanda espera de você?

Eu, particularmente, como dirigente, espero que a Umbanda propicie a todos a evolução da própria alma, a transmutação das próprias mazelas de cada um. Não possuo um pó mágico que fará um filho ganhar na loteria ou conseguir um emprego maravilhoso se ele não fizer a sua parte. Umbanda não é drive-thru... “faça seu amalá e seu pedido chegará em sete dias”.

Tenho visto receitas de poções, processos sinistros, pós milagrosos, mistérios e mais scripts e scripts ensinados em cursos e livros para que você obtenha aquilo que quer... quanta patifaria (na minha opinião e tenho o direito de tê-la).

Umbanda é muito mais simples. Seja bom e a bondade se aproximará. Umbanda não é moeda de troca. Umbanda é uma escola para a alma, para a sua própria alma. O zelador (pai ou mãe de santo) irá lhe instruir por caminhos que o levarão ao pensamento, a mudança de conceitos, a quebra de paradigmas, a evolução espiritual. Mas veja bem, o zelador instrui, quem constrói esse caminho é você.

A construção deste caminho inicia pela verdadeira razão pela qual você entra para um terreiro. Se é por modismo, ego ou qualquer outra questão que não seja confrontar você mesmo para melhorar seus pensamentos e atitudes, está errado.

Alguns vão para conhecer e se apaixonam pela música, pela logística, pelo ritual, pelo cheiro da defumação... Outros vão em busca de uma libertação (cura física, aconselhamento, etc), acabam gostando e se tornam adeptos da religião. Há ainda os que vão porque outras pessoas conhecidas estão lá. Mas o que elas buscam? Bens materiais? Fórmulas mágicas? Crescimento? Desenvolvimento? Evolução?



Já ouvi pessoas dizendo algo assim: “não escolhi a Umbanda, foi a Umbanda quem me escolheu”. Muito bonita a frase, mas não concordo. A Umbanda não escolhe ninguém, mas você pode ter escolhido a Umbanda como missão antes mesmo de reencarnar, ou a escolheu nesta encarnação, por proximidade de pensamento, filosofia, paixão pela ritualística, ideias, etc...

Em poucas palavras, como umbandista e não zeladora, eu espero que a Umbanda continue me mostrando meus erros para que eu possa lapidá-los. Isso acontece em cada gira, em cada atendimento que faço a um filho, quando um guia se pronuncia e revela uma mazela. Muitas vezes identifico em mim algo apontado num filho. E lá vou eu com a minha vassourinha interna faxinar meus velhos conceitos. Isso se chama reforma íntima, que muito se fala e pouco se pratica.

O que a Umbanda espera de mim como umbandista? Acredito que seja exatamente a minha resiliência em me tornar um melhor espírito, seja em qualquer aspecto (mãe, irmã, filha, amiga, esposa, etc...).

Lembro bem da primeira vez que entrei num terreiro. Foi pra “ver qual é”. Procurava uma religião que me alimentasse a essência e não a minha burrice em acreditar que tudo seria um mistério da fé, assim como também não acredito em mirongas de congá.



O que a Umbanda espera de mim como zeladora de espíritos (encarnados e desencarnados)? Que eu seja transparente, que eu não me prevaleça de nenhuma maneira, que eu continue zelando pelo desenvolvimento espiritual de cada um que deseje praticar isso dentro do terreiro o qual sou dirigente.

Umbanda é simples, simples de viver. Faça o bem, e colha o bem. É o preto velho com o galinho de arruda fazendo a sua benção e pronunciando palavras simples que nos enchem de amor e nos levam ao pensar com autonomia, é o caboclo que com o bater dos pés no chão nos limpa de energias negativas que muitas vezes nós mesmos criamos com situações pequenas. Enfim, é a bondade dentro da simplicidade e não o comércio da informação



prevalecendo financeiramente seja quem for.

Por isso aconselho que todos os meus filhos de Umbanda leiam, sejam críticos e que tomem cuidado com o mercado da informação.

Como diria Pai Fernando (longe de me sentir digna da sua sabedoria), essa é a minha opinião! Respeito a opinião de todos, e o mínimo que espero é que a minha também seja respeitada.

Que seus pensamentos voem por minhas palavras e que a sua Umbanda possa se lapidar conforme seus princípios e crenças, recolhendo deste texto somente aquilo que lhe for benéfico e servir para que se torne um melhor espírito. O que não for para isto, ignore.

Saravá todo o povo de Umbanda!

Mãe Lilian de Lemajá